

COMO A ECONOMIA FUNCIONA?

Por Sérgio Birchall

O entendimento de como a economia funciona pode vir da experiência cotidiana. Nós nos deparamos com o mercado quando estamos à busca de emprego ou quando estamos fazendo as compras de Natal. Porém, a economia moderna é muito mais complexa, dinâmica e sutil do que o simples bom senso nos permite perceber. Não pretendo discutir em tão curto espaço toda a complexidade do funcionamento da economia (creio que mesmo que houvesse espaço eu não teria a capacidade para tanto), mas gostaria de analisar com mais detalhe um aspecto fundamental da sua engrenagem: os preços.

Os preços são um mecanismo muito eficiente de transmitir uma série de informações acerca dos bens e serviços, tanto para os produtores quanto para os compradores. Os preços informam sobre a escassez, o tempo necessário de produção ou ainda a qualidade ou o valor que cada sociedade dá aos diferentes bens e serviços.

No Brasil, por exemplo, um jogador de futebol ganha muito mais do que um jogador de basquete de prestígio comparável. O mesmo não ocorre nos Estados Unidos, onde esta relação é inversa. Isto por que, nós brasileiros, gostamos

muito mais de futebol do que de basquete, enquanto a preferência do norte-americano é justamente a inversa.

Mas o comportamento dos preços é de especial interesse para os economistas, pois lhes permite avaliar a velocidade de crescimento da economia, por exemplo. Um dos preços mais analisados pelos economistas neste sentido é o do trabalho. Um bom indicador deste preço é taxa de desemprego. Quanto maior a taxa de desemprego, menores são os salários (e a massa salarial e o consumo); quanto menor a taxa de desemprego, maiores são os salários (e a massa salarial e o consumo).

Além disso, na década de 1960 o economista Willian Phillips mostrou que havia uma correlação negativa (trade-off ou escolhas excludentes) entre inflação (ou alta generalizada dos preços) e taxa de desemprego. Isto é, quanto menor a taxa de desemprego maior a taxa de inflação e vice e versa.

Ou seja, quanto menor o desemprego, menor a disponibilidade de pessoas – de preferência, com experiência e qualificação – a procura de trabalho, pois quanto menor a taxa de desemprego, maior o número de pessoas trabalhando. Quanto mais pessoas trabalham, maior a massa de salarial. Quanto mais dinheiro as pessoas tiverem no bolso, maior é o consumo.

Porém, para as empresas crescerem a produção quando a taxa de desemprego é pequena elas são obrigadas a oferecer

uma remuneração maior para que o trabalhador aceite a trocar de empregador. Isto aumentará os custos de produção das empresas, que tenderão a repassar para os preços finais, gerando a elevação geral dos preços e do custo de vida.

Algo semelhante ocorre, mas de forma mais setorizada, na construção civil no Brasil nos dias de hoje, por exemplo. Com a expansão do crédito para a aquisição da casa própria, com os incentivos do governo, com o aumento do emprego e da renda houve o aumento da demanda (consumo) por imóveis. Os preços dos imóveis subiram rapidamente, por que a disponibilidade de residências para pronta entrega era insuficiente. Os preços mais elevados atraíram as construtoras, que se apressaram em aumentar o lançamento de novos empreendimentos imobiliários. A expansão do setor aumentou a procura (demanda) pelos insumos da construção (materiais, serviços e mão-de-obra), que por sua vez eram insuficientes. Não havia, por exemplo, gente habilitada e com experiência para trabalhar na construção civil. Assim, os custos de construção foram os que mais cresceram (inflação) na economia brasileira até setembro de 2010, refletindo o ritmo de crescimento do setor. Mais ilustrativo ainda é que entre os insumos da construção (materiais, serviços e mão-de-obra), o item que ficou mais caro neste ano foi o custo do trabalho, segundo o Índice Nacional da Construção Civil (INCC) da Fundação Getúlio Vargas.

Assim, no limite, a sociedade está sempre tendo que optar entre um menor desemprego (e salários mais elevados) e maior inflação (ou preços mais elevados) ou vice e versa. Isto é mais verdadeiro quando a taxa de desemprego efetiva é menor do que a taxa de desemprego natural (ou média histórica) – há sempre uma parcela da população que não trabalha por várias razões. Por isso é que o crescimento acelerado de curto prazo da economia sempre causa apreensão entre os economistas, que passam a ser considerados pessimistas.

Outra questão relacionada com os preços é a do dinheiro. Nossas relações econômicas são intermediadas pelo dinheiro. Nosso salário (o preço do trabalho) é pago em dinheiro, mesmo que seja um depósito em uma conta bancária. Com o dinheiro do nosso salário vamos comprar os bens (comida, produtos de higiene pessoal, entre outros) e os serviços (plano de saúde, comunicação etc.) de que necessitamos. Desta forma, o dinheiro tem o papel de meio de circulação.

Para que se possa trocar uma consulta médica por um pãozinho, por exemplo, é fundamental que ambos sejam reduzidos a um denominador comum. No caso da sociedade moderna este denominador comum é o dinheiro, que neste caso tem a função de unidade de valor. Ou seja, o dinheiro transforma banana e abacaxi (no nosso exemplo, consulta

médica e pãozinho) em coisas iguais, passíveis de serem comparáveis e trocadas (comercializadas).

Finalmente, o dinheiro tem o papel de reserva de valor. Quando a inflação no Brasil era de mais de 1.000% ao ano, ninguém queria ficar com o dinheiro no bolso ou parado na conta bancária. Com o Plano Real e a estabilidade da inflação em patamares relativamente baixos o brasileiro perdeu a necessidade de transformar o mais rápido possível o seu salário em compra de supermercado para o mês inteiro, pois agora, com a inflação controlada, o dinheiro continua comprando mais ou menos a mesma coisa daí a trinta dias.

Na maioria dos países só os governos é que podem imprimir dinheiro. Idealmente, deveria haver tanto dinheiro quanto a demanda (procura) por ele. A quantidade necessária de dinheiro em circulação na economia pode variar como normalmente ocorre em dezembro. Porém, quando o governo imprime menos dinheiro do que é necessário para que as transações econômicas se concretizem a economia emperra e cresce menos do que poderia. Quando, ao contrário, ele imprime mais dinheiro do que o necessário (por exemplo, quando ele tem que pagar contas para as quais não há arrecadação de impostos suficiente) os preços sobem. Com mais dinheiro em circulação a demanda por bens e serviços será maior do que a oferta (disponibilidade) destes. Assim, os preços tenderão a subir.

Para concluir, um bom entendimento do funcionamento da economia moderna requer a percepção da importância do comportamento dos preços e as suas conseqüências para o ritmo de crescimento da economia.